

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis— Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 132

TERÇA-FEIRA 7 DE OUTUBRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

Recebemos no domingo ás 9 horas da tarde o seguinte telegramma:

A' REDACÇÃO DO DISTRICTO DE AVEIRO
(Do seu correspondentc.)

Lisboa 5 do corrente ás 5 h. e 40 m. da tarde.

Depois do meio dia os navios que foram esperar a esquadilha, avistaram-na, e á uma hora entrou a barra a jove Rainha de Portugal. — Foi acolhida com entusiasticos vivas por milhares de pessoas que foram esperal-a. — A Rainha vinha na tolda do «Bartholomeu Dias» entre o marquez de Loule, e o Infante D. Augusto, que tinha sahido de Lisboa de manhã cedo. — Pôde vêr-se que a Princesa vinha elegantissima, e é de uma figura esbelta. — A esquadrilla ancorou defronte do Caes de Belém á uma hora e meia da tarde; — trez quartos d' hora depois El-Rei foi cumprimentar a Rainha a bordo.

M. Roussado.

O exm.º governador civil deste districto tambem nos enviou o seguinte:

Lisboa 5 do corrente ás 12 h. e 10 m. da tarde.

S. M. a Rainha chegou a Lisboa ás 10 horas.

Agora mesmo (11 horas e meia), estando a nossa folha a entrar no prelo, recebemos do exm.º governador civil um outro telegramma:

Lisboa 6, ás 8 h. e 1 quarto da tarde.

A entrada da Rainha teve logar com a maior pompa e indizivel entusiasmo. Durante o trajecto no mar, e em todas as solemnidades do dia a sympathica Rainha e El Rei foram victorizados com clamorosos vivas; a cidade tem festejado este desejado enlace, e mostrado mais uma vez o amor vehemente que ella consagra a El-Rei e a toda a familia real.

Toda a solemnidade correu com ordem e socego.

A ULTIMA HORA

Do nosso correspondentc:

Para o jornal o *Districto de Aveiro*.

Lisboa 7 do corrente ás 10 h. e 25 m. da manhã.

O casamento do Rei foi hontem em S. Domingos ás 3 horas. As pessoas reaes e Damas foram buscar a Rainha a bordo. As festas são esplendidas.

M. Roussado.

AVEIRO

O exercito portuguez está cada vez mais empobrecido de soldados. Ha corpos que avultam pouco mais do que uma companhia regular.

Mas é um escandalo revoltante, que o paiz esteja pagando para um exercito permanente, que não pôde preencher os fins a que elle é destinado.

Os acontecimentos recentes, de que o paiz é testemunha, são o derradeiro argumento comprovativo da necessidade de uma força militar convenientemente, estacionada, e convenientemente numerica.

Se não é para defeza, e segurança dos direitos publicos, e individuaes, se não é para reprimir demasias, e attentados, se não é para manter a tranquillidade, e a ordem publica, se não é finalmente para auxiliar os poderes do estado no legitimo desempenho de suas funcções,—para que outro fim pôde servir-nos um exercito permanente?

Acostumaram-nos a viver em um paiz de quimeras, e tarde sabremos deste mau sestro.

A lei sanciona o principio, e para logo se entende que se alcançou o fim;—como se a palavra do homem fosse o portentoso *fat* do creador.

O exercito portuguez está decretado; a lei consigna o numero de militantes; mas o processo do recrutamento põe o veto áquella lei, e não dá cuidados a reforma delle.

Tinhamos exercito quando o sorteado era obrigado a assentar praça, ou a substituir-se com um homem apto para o serviço. Deixámos de

ter exercito, logo que ao sorteado se facultou poder substituir-se com dinheiro.

E não é porque se não realizem as substituições;—mas porque estas são quasi todas feitas a dinheiro, e porque os governos não tem empregado os meios para com elle negociar o assentamento de praças.

Ainda ha poucos dias em um districto do reino houve uma inspecção de sorteados, que rarisimos soldados deu ao exercito, mas em compensação etiraram avultadas sommas nos cofres publicos. Só na inspecção de um dia o producto das substituições montou a 1.600\$000 rs., sem que assentasse praça um só recruta! O mesmo succede nos outros districtos.

Todo este dinheiro fica peçando os cofres, sem que o exercito receba homens, como está acontecendo ha muito.

Sabemos que os governos se tem desculpado com o pretexto de não haver quem queira servir por dinheiro.

Mas isto não pôde acreditar-se; e vamos proval-o.

Se o governo tivesse a impossibilidade com que se desculpa, já ha muito o teria declarado na camara, e pedido com urgencia uma lei que lhe facilitasse o recrutamento.

Os preços das substituições actuaes são ainda muito superiores ás quantias porque antigamente os sorteados negociavam os seus substitutos. Antes da nova lei do recrutamento, nunca faltou substituto ao sorteado que quiz substituir-se, como é publicamente sabido. D'aqui resulta que não augmentou com ella a procura de substitutos, mas antes por ventura diminuiu, na proporção da differença dos ajustes das antigas substituições por praças, para o preço das actuaes substituições com dinheiro.

Logo se hoje os substitutos fossem procurados, e negociados, como eram antigamente pelos interessados, não só não faltariam, se não que se alcançariam mais baratos.

Nem se diga que hoje são substituidos mais recruta, do que antigamente, pela facilidade de desembolsar dinheiro sem procurar o homem.

Antes hoje deve ser menor o numero das substituições, porque, se dantes nunca faltou quem por dinheiro quizesse servir por outro, toda a difficuldade da substituição se reduzia a desembolsar dinheiro, como agora; havendo só a differença de que actualmente se desembolsa mais, circumstancias que deve ter reduzido o numero dos substituidos.

Era possivel que o desenvolvimento dos trabalhos dentro do paiz, e consequentemente a alta dos salarios, tivessem influido para elevar os preços porque podiam alcançar-se hoje os substitutos.

Mas esta supposição não põem estorvos aos governos, que taxam em cada anno o preço porque cada sorteado deve substituir-se.

E a taxa que o governo fixa em cada anno é uma declaração solemnne de que com elle pode alcançar um recruta.

Como pôde elle depois vir dizer em face do paiz que os não pode obter?

De tudo isto se conclue que a lei actual do recrutamento não consegue o fim para aue foi elaborada, ou antes que ella dá pretextos ao governo para encher com dinheiro das substituições os cofres publicos, sem fazer soldados.

E não é só por este defeito que ella carece de reforma. Outros muitos ella tem de que é urgente expurgal-a, se quizermos ter um exercito, recrutado conforme os principios da justiça, e segundo as nossas conveniencias sociaes, e economicas.

O desfavor com que na actual lei do recrutamento se considera a nossa agricultura, é em nossa opinião um dos erros principaes que ella contém. Ainda com outros muitos deparamos nella, sobre que desenvolvidamente escreveremos, e pelos quaes tambem pediremos a conveniente reforma aos poderes publicos.

ESTRADA DO BOCO

Já se não discute a estrada do Boco á estação de Oliveira, ou á de Mogofores, agora accresce o seu prolongamento de Oliveira a Mangualde (!) segundo o senhor d'algures—e de Oliveira a Agueda, segundo pertence o auctor do communicado inserto no *Campeão* n.º 1070. Pela nossa parte poderíamos com mais fundamento accrescentar o prolongamento da estrada desde Mogofores por Avellans de Cima até Boialvo, a en-

troncar na estrada, que por ali desce da Beira,— e desde Mogofores a Luso por Anadia a entroncar na estrada de Vizeu á Mealhada. E assim caminharíamos a passos largos para o cahos, e tornar-se-ia então impossivel a discussão. Bem vemos que todas essas questões tem mais ou menos relação; — mas relação remota com a de que tratamo; — mas como só deve exigir-se do governo o que elle pode racionalmente fazer, não devemos ser exaggerados nos nossos pedidos. Restabelegamos pois a questão;—não a deixemos desvaivar; — discutamos placidamente e habilitemos antes os poderes publicos a decidir com acerto.

A proposta relativa á estrada, de que tratamos, foi esta—do Boco á estação de Oliveira, ou outra estação proxima do caminho de ferro.— A portaria portanto, que manda estudar a directriz a Mogofores, não deroga a anterior decisão; — é antes um complemento indispensavel della. Até á Palhaça o tronco é commum para ambas ás estradas;—já foi estudado,—resta estudar o seu prolongamento á estação de Oliveira e á de Mogofores;—comparar depois as vantagens respectivas e decidir. Verdade. Verdade.

No artigo, que vem publicado no n.º 130 do *Districto*, já discutimos amplamente esta questão e demonstramos — que de Oliveira com o Boco não houve nunca, nem é possivel que haja relações commerciaes, porque Oliveira tem a um quarto de distancia do Boco o porto de Fermentellos, que lhe presta o mesmo serviço, que o Boco, e com muito menos incommodo; — e que do Boco ninguem virá ao caminho de ferro em Oliveira, ou em Mogofores porque tem a estação d'Aveiro a igual distancia e com mais facil communicação pela ria. E d'ahi concluímos que esta estrada só tem importancia para o paiz, que atravessa, e que por isso a importancia relativa delle é que devia decidir a contenda entre a estação de Mogofores e a de Oliveira. E sendo visivel, que da Palhassa a Mogofores a estrada atravessa as freguezias da Mamarroza, Sangalhos, Ancas, S. Lourenço e Mogofores, e talvez a do Troviscal; em quanto que da Palhassa a Oliveira só atravessa parte desta freguezia, criamos ter demonstrado seguramente que a preferencia devia dar-se á directriz, que conduz a Mogofores.

A nada d'isto se responde naquelle communicado; — faz-se ali toda a diligencia para deslocar a questão do seu verdadeiro ponto de vista e nada mais.

I

Alloga-se que entre Oliveira e as povoações da Beira-mar ha um constante e *importantissimo* commercio atrahido pelo *mercado semanal* e feira mensal estabelecida em Oliveira.

E' necessario primeiro que tudo restabelecer a verdade dos factos.

De mercado semanal em Oliveira ninguem sabe. Ou elle é parte da imaginação do auctor do communicado, ou é tão imperceptivel que ainda se não deu pela sua existencia. Feira *mensal* em Oliveira ensua-se ha annos ali o seu estabelecimento, mas não pôde ainda tomar importancia comparavel com as outras feiras do districto. O commercio por tanto atrahido por um mercado semanal, que não existe, ou está ainda no estado embryonario, ou por uma feira mensal insignificante por certo que não merece as honras de *importantissimo*,—que lhe querem dar. E quando lhe pertencesse essa qualificação a contenda ficava no mesmo terreno.

Quem costuma ali concorrer? As povoações nas margens do Certima, Fermentellos, Perrães, Cercaes, ou ainda mesmo Oyã, Silveiro, Agoas-boas e Sangalhos tem, para ali se dirigirem, a estrada d'Aveiro, que é a que as serve melhor; — nenhum proveito tirarão com este fim d'aquella; de que se trata. Na directriz, que se lhe quer dar só ella aproveita directamente nas suas communicações com Oliveira aos logares de Malhapão, e algum casal visinho; e indirectamente á Palhassa; d'onde pouca gente concorre á feira d'Oliveira, e que tem ali outra muito melhor, e a parte da Mamarroza e Troviscal, que ficam mais ao Sul.

Mas agora comparemos. Se a estrada vier a Mogofores, como propomos, ella atravessa a Mamarroza, que assim serve muito melhor; — o Troviscal nas mesmas, ou ainda melhores condições; a freguesia de Sangalhos, Ancas, S. Lourenço e Mogofores, e a todas põem em contacto, bem como a Palhassa com o caminho de ferro, com a estrada de Lisboa ao Porto e com a de Anadia. Assim fica todo aquelle paiz com facil

communicação, com respeito a feiras e mercados vizinhos, com a Mealhada, onde ha uma feira mensal importante; — com Anadia, onde ha effectivamente um mercado semanal, que já se pôde sem favor, chamar importante, e com a feira da Mouta, que é um dos mercados mensaes mais importantes e antigos do districto. Faz-se ali um importantissimo commercio de gados e de lãs das serras do Caramulo no valor de muitos contos de reis. Da ponte da pedra na visinhança de Mogofores a Anadia e Mouta ha já uma boa estrada feita pela camara d'Anadia á custa dos seus rendimentos. A estrada, que Oliveira pertence, debaixo deste ponto de vista, não passa d'um caminho visinho.

Os resultados por tanto desta comparação destroem completamente a importancia do argumento, que se queria deduzir em favor d'Oliveira. Se a estrada para ali serve a alguns povos para uma feira insignificante, a estrada para Mogofores serve a povos, dez ou vinte vezes mais importantes e para mercados e feiras bem mais valiozas.

II

Vem depois o prolongamento da estrada de Oliveira a Agueda passando por Barrô.— Tambem Barrô pois quer agora a sua estrada e faz bem.

Mas por Deus senhores, uma estrada entre o Boco e Agueda tem muita graça. Agueda tem communicação fluvial com Aveiro e Boco tambem. Para que pois communicar por uma estrada Agueda com o Boco. Então quem d'Agueda tiver a mandar alguma cousa para Aveiro, ou a receber d'ali fazendas, hade desprezar a via fluvial directa e ir por terra levar ou buscar ao Boco esses objectos percorrendo igual distancia por agua além d'outra maior por terra?

Não imaginemos semelhante disparate. Discutamos, se querem, a conveniencia de communicar Agueda com Oliveira, mas isso nada tem com a estrada do Boco. São questões inteiramente distinctas.

Não desconhecemos que Agueda tem importancia commercial; — está sobre um rio navegavel, — em facil communicação com Aveiro. E tambem sabemos que tem um bom mercado diario, onde concorrem muitas pessoas do concelho de Oliveira e especialmente das povoações nas margens do Certima.

Ha por isso uma certa vantagem em communicar entre si estes dous pontos, separados por um terreno alagadico em grande extensão e onde não ha ponte alguma. Mas isso não basta para exigir peremptoriamente do governo essa obra, especialmente como appendix d'uma estrada, que nada tem com esta. Mil outras obras ha tanto, ou mais necessarias e que se não tem feito e nem farão. Em primeiro lugar a *população* mais directamente interessada n'esta obra, isto é, a que no concelho d'Oliveira estanca entre Fermentellos e Cercaes não excede seguramente seiscentos fogos, mas destruida por maneira que uma só communicação mal pode aproveitar a todos. Se a ponte se fizesse entre Oliveira e Barrô, como fundadamente esperar que ali venham os povos de Perrães e Fermentellos, que não tem communicação alguma com aquelle ponto? Esses prefeririam sempre atravessar o campo, ou em barco, ou na imperfeita communicação, a que a camara d'Oliveira já mesmo deu começo em frente de Perrães. Em segundo lugar Agueda é os mais povos na margem direita do Certima poucas rellações tem com os da margem esquerda. Oliveira não tem feira, ou mercado, que os atrai; e Cantanhede e Palhassa ficam muito distantes; — escusam ir ali procurar os objectos, que encontram nas feiras da Piedade, Fontinha e Béco. Se algum mercador ambulante ali tem conveniencia de passar representa isso um interesse bem pouco importante, e essa circumstancia, a ter valor, dava-se tambem com rellação a Anadia, pelo que respecta á feira da Palhassa, onde conduz a estrada vindo a Mogofores. O commercio da cal d'Oliveira tambem não justifica esta obra. Na freguezia d'Oliveira a produção da cal é insignificante e nem d'ali se abastece Agueda, porem sim d'Ancas, ou, se quizerem, da Mamarroza, a que serve a estrada de Mogofores, onde communicação com a de Lisboa ao Porto e por isso com Agueda tambem.

(Continúa.)

Lê-se no «Moniteur»:

Tendo se a questão romana tonrado ha algum tempo o principal objecto da polemica dos jornaes, parece-nos opportuno dar a conhecer os esforços que o governo do imperador tentou ultimamente para conseguir entre a Santa Sé e a Italia uma conciliação que não tem cessado de ser o fim da sua politica. Publicamos, pois, a carta que o imperador dirigiu ao ministro dos negocios estrangeiros no mez de maio ultimo e a correspondencia que se lhe seguiu entre M. Thouvenel e o embaixador de S. M. em Roma.

20 de maio de 1862.

Sr. ministro.

Quanto mais a força das cousas nos mantem, relativamente á questão romana, n'uma linha de conducta igualmente afastada dos dois partidos extremos, mais essa linha deve ser claramente traçada para prevenir aqui em diante a accusação incessantemente renovada de pender umas vezes para um lado, outras vezes para outro.

Desde que estou á frente do governo em França, a minha politica tem sempre sido a mesma para com a Italia: auxiliar as aspirações nacionaes, induzir o Papa a tornar-se seu apoio antes que seu adversario, n'uma palavra, consagrar a alliança da religião e da liberdade.

Desde o anno de 1849, em que a expedição de Roma foi decidida, todas as minhas cartas, todos os meus discursos, todos os despachos dos meus ministros têm invariavelmente manifestado esta tendencia, e, segundo as circumstancias, tenho-a sustentado com uma convicção profunda, quer á frente de um poder limitado, como presidente da Republica, quer á frente de um exercito victorioso nas margens do Mincio.

Os meus esforços, confesso-o, têm vindo até agora despedaçar-se contra resistencias de toda a especie, em presença de dois partidos diametralmente oppostos, absolutos nos seus odios, como nas suas convicções, surdos aos conselhos inspirados pelo unico desejo do bem. E' isto razão para não continuar a perseverar e abandonar uma causa grande nos olhos de todos, e que deve ser fecunda em beneficios para a humanidade?

Ha urgencia em que a questão romana reciba uma solução definitiva, pois não é só na Italia que ella perturba os espiritos, por toda a parte produz a mesma desordem moral porque toca no que o homem mais tem a peito, a fé religiosa e a fé politica.

Cada partido substitua pelos verdadeiros principios de equidade e de justiça o seu sentimento exclusivo. Assim, uns esquecendo os direitos reconhecidos de um poder que dura ha dez seculos, proclamam, sem respeito por uma consagração tão antiga, a decadencia do Papa; outros, sem cuidarem da legitima reivindicacão dos direitos dos povos, condemnam sem escrupulo uma parte da Italia a uma immobildade e a uma oppressão eternas. Assim uns dispõem de um poder ainda de pé como se estivesse abatido, e os outros de um povo que pede para viver como se estivesse morto.

Seja como for, o dever dos homens de Estado é estudar os meios de reconciliar duas causas que só as paixões apresentam como irreconciliaveis. Ainda que se não tenha bom exito, a tentativa não seria sem alguma gloria, e, em todo o caso, ha vantagem em declarar altamente o fim para que se tende.

Esse fim é chegar a uma combinacão pela qual o Papa adoptasse o que ha de grande no pensamento de um povo que aspira a tornar-se uma nação, e do outro lado esse povo reconheceria o que ha de salutar n'um poder, cuja influencia se estende sobre todo o universo.

A primeira vista considerando os prejuizos e os rancores, igualmente vivazes de ambos os lados, desespera-se de um resultado favoravel. Se, porém, depois de ter examinado o fundo das cousas se interroga a razão e o bom senso, comprazemo-nos com a persuasão de que a verdade, essa luz divina, acabará por penetrar nos espiritos e mostrar com clareza o interesse supremo e vital que induz, que obriga os partidarios de duas causas oppostas a intenderem-se e a reconciliarem-se.

Qual é, primeiro que tudo, o interesse da Italia? E' desviar tanto quanto depender d'ella os perigos que a ameaçam, atenuar as inimizades que levantou, enfim destruir tudo o que se reconstruía. Para vencer tantos obstaculos, é preciso encalar os friamente.

A Italia, como Estado novo, tem contra si todos os que conservam as tradições do passado; como Estado que chamou a revolução em seu auxilio, inspira desconfiança a todos os homens de ordem. Duvidam do seu vigor para reprimir as tendencias anarchicas, e hesitam em acreditar que uma sociedade possa solidificar-se com os mesmos elementos que têm destruido tantas outras. Enfim, ás suas portas tem um formidavel inimigo, cujos exercitos e malquerer, facil de comprehender, serão ainda por muito tempo um perigo imminente.

Estes antagonismos já tão serios tornam-se ainda mais, apoiando-se nos interesses da fé catholica. A questão religiosa agrava muito a situação e multiplica os adversarios da nova ordem de cousas estabelecida para além dos Alpes. Ha pouco tempo, o partido absolutista era o unico que lhe era contrario. Hoje a maior parte das populações catholicas na Europa são lhe hostis, e essa hostildade embarca não só as intenções benevolas dos governos ligados pela sua fé á Santa Sé; mas detem as disposições favoraveis dos governos protestantes ou scismaticos que têm a contar com uma fracção consideravel dos

seus subditos. Assim, por toda a parte, é a ideia religiosa que arrefece o sentimento publico pela Italia. A sua reconciliação com o Papa aplanaria bastantes difficuldades, e reunir-lhe-ia milhões de adversarios.

D'outra parte, a Santa Sé tem igual interesse, se não mais forte, n'esta reconciliação; pois se a Santa Sé tem zelosos sustentaculos entre todos os catholicos ferventes, tem contra si tudo o que é liberal na Europa. Passa por ser, em politica, a representante dos prejuizos do antigo regimen, e, aos olhos da Italia, por ser a inimiga da sua independencia, a mais dedicada partidaria da reacção. Também está cercada dos mais exaltados partidarios das dynastias decadidas, e não serve isso para augmentar em seu favor as sympathias dos povos que derribaram essas dynastias. Todavia este estado de cousas prejudica menos ainda o soberano do que o chefe da religião. Nos paizes catholicos em que as ideias novas têm em um grande imperio, os homens, mesmo os mais sinceramente afeitos ás suas crenças, sentem a sua consciencia perturbada e a duvida entrar-lhes nos espiritos; incertos como estão de poder alliar as suas convicções politicas com principios religiosos que pareceriam condemnar a civilização moderna. Se esta situação, cheia de perigos, devesse prolongar-se, as opposições politicas teriam o perigo de levantar tristes dissidencias mesmo nas crenças.

O interesse da Santa Sé, o da religião exigem pois que o Papa se reconcilie com a Italia, pois será reconciliar-se com as ideias modernas, reter no gremio da igreja 200 milhões de catholicos e dar á religião um novo lustre mostrando a fé a auxiliar os progressos da humanidade.

Mas em que base fundar uma obra tão apeteavel?

O Papa, levado a uma sã apreciação das cousas, comprehenderia a necessidade de aceitar tudo quanto pôde ligar-o á Italia, e a Italia, cedendo aos conselhos de uma prudente politica, não recusaria adoptar as garantias necessarias para a independencia do Soberano Pontifice e para o livre exercicio do seu poder.

Conseguir-se-ia este duplo fim por uma combinacão que, conservando o Papa senhor em sua casa, abaxasse as barreiras que separam hoje os seus Estados do resto da Italia.

Para ser senhor em sua casa, a independencia deve ser-lhe assegurada, e o seu poder accete livremente pelos seus subditos. Deve esperar-se que assim seria, de uma parte, quando o governo italiano se obrigasse para com a França a reconhecer os Estados da Igreja e a delimitação ajustada; da outra quando o governo da Santa Sé, voltando a antigas tradições, estabelecesse os privilegios das municipalidades e das provincias de modo que se admittirem por assim dizer ellas mesmas; pois então o poder do Papa, pairando n'uma esphera elevada acima dos interesses secundarios da sociedade, desembaraçar-se-ia d'essa responsabilidade sempre pesada que só um governo forte pôde supportar.

As indicações geraes que precedem não são um «ultimatum» que eu tenha a pretensão de impor ás duas partes em desacordo, mas as bases de uma politica que julgo dever esforçar-me em fazer prevalecer pela nossa legitima influencia e desinteressados conselhos.

Em summa rogo a Deus que vos tenha na sua santa guarda.

NAPOLÉÃO.

O ministro dos negocios estrangeiros ao embaixador de França em Roma.

Paris 30 de maio de 1862.

Senhor Marquez, creio util no momento em que vos preparais a voltar para o vosso posto, consignar em um despacho o resumo de nossas conversações sobre os graves interesses que o imperador confiou ao vosso zelo e á vossa dedicacão e de fornecer-vos assim o meio de estabelecer uma vez mais o caracter invariavelmente amigavel benevolo da politica do governo de S. M. a respeito da Santa Sé.

O pensamento que nos tem guiado desde o principio da crise que atravessam juntamente a igreja e a Italia, não tem cessado de nos animar, e por infructuosos que até aqui tenham sido os nossos esforços, ainda não chegamos a convencermos da inutilidade de os proseguir. Não abandonando a esperança de attingir o fim que nos propomos, recusando-me a admittir que a destruição do estado de cousas inaugurado na peninsula deve ser uma condição sine qua non de existencia para o poder temporal do papado, ou que a queda d'este poder se tenha tornado a consequencia logica e necessaria do estabelecimento do reino de Italia, estou certo de ser orgão das intenções e das vontades do imperador. S. M. dignou-se precisar, em uma carta que me dirigiu, as ideias que lhe inspiraram longas e serias reflexões sobre a situação respectiva da Santa Sé e da Italia.

Junto a clareis, sr. Marquez, uma copia d'este importante documento e as considerações tão cheias de elevação, de lucidez e de força que ali são desenvolvidas vos indicarão, com uma auctoridade que seria enfraquecida por qualquer comentario da minha parte, o terreno em que tereis a collocar-vos nas vossas conferencias com o cardeal Antonelli e o proprio Santo Padre.

Eu tinha evitado de proposito, prescrevendo-vos o procedimento que seguistes no principio do mez de janeiro ultimo, formular o plano de conciliação para a preparação do qual estaveis encarregado de reclamar primeiro que tudo o concurso da Santa Sé. Com effeito, eu espera-

va que as nossas proposições não seriam repellidoas tão categoricamente, e que o cardeal Antonelli nos ajudaria a procurar as bases d'um arranjo acceptavel para o chefe da igreja e compativel com os acontecimentos realizados na peninsula. Diante da resistencia que encontramos, uma mais longa reserva traria o risco de ser mal comprehendida. As tentativas do governo do imperador para levar a corte de Roma a desistir, na ordem temporal, de suas doutrinas absolutas, poderão fallar, mas importa que as nossas intenções não sejam nem desfiguradas nem desconhecidas, e que ninguém tenha o direito de nos accusar de não termos articulado claramente as condições que a nossos olhos garantiriam a independencia, a dignidade e a soberania do Pae commum dos fieis, sem pôr de novo em questão os destinos da Italia.

Nunca, proclama-lhe bem alto, o governo do imperador pronunciou uma palavra que desse ao gabinete de Turin lugar a esperar que a capital do catholicismo pudesse, ao mesmo tempo, tornar-se, com o consentimento da França, a capital do grande reino que se formou além dos Alpes.

Todos os nosos actos, todas as nossas declarações se reúnem, pelo contrario, para verificar a nossa firme e constante vontade de manter o Papa na posse da parte de seus Estados que a presença de nossa bandeira lhe tem conservado. Renovo aqui esta asserção, sr. Marquez, mas repito tambem, com igual franqueza, que toda a combinacão que repou-se sobre outra base territorial que não seja o *status quo* não pôde hoje ser sustentada pelo governo do imperador. O Santo Padre, como elle o tem feito em outras epochas poderia reservar os seus direitos na forma que julgas-e conveniente; mas um arranjo implicaria da sua parte, segundo o nosso pensar, a resignação de não exercer mais o seu poder senão sobre as provincias que lhe restem. A Italia, pela sua parte, teria a renunciar ás suas pretensões a Roma; ella deveria obrigar-se, para com a França, a respeitar o territorio pontificio e a encarregar-se da maior parte, senão da totalidade da divida romana.

Se o Santo Padre, em um espirito de paz, de caridade e de concordia, consentisse em presençar-se a uma transacção d'este genero, o governo do imperador não veria senão vantagens em procurar fazer tomar parte n'ella as potencias signatarias do acto geral de Vienna, e de unir á sua a garantia d'essas potencias. Elle tomaria igualmente, quer junto d'estas potencias, quer mais particularmente junto d'aquellas, cuja fé religiosa é o catholicismo, a iniciativa d'uma proposta tendente a offerecer ao Santo Padre, em compensação dos recursos que elle já não encontra no numero reduzido de seus subditos uma especie de lista civil cujos titulos inalienaveis seriam depositados em suas mãos. O governo do imperador julgar-se-ia feliz, pela sua parte, de contribuir, na proporção de uma renda de 3 milhões de francos, para o esplendor do throno pontificio e para as obras de religião e de caridade cujo centro está em Roma. Assim protegido no exterior pela garantia da França e das potencias que se lhe reuniram o governo pontificio não teria mais do que a conciliar a adhesão de seus subditos por sabias reformas, e desde o dia em que se entregasse a isso com resolução, inspirando-se dos principios que por toda a parte presidem á organisacão das sociedades modernas, esta tarefa não seria tão difficil como o parece.

O Santo Padre dizia ultimamente, com uma sabida razão, que o poder temporal, por mais necessario que fosse, não era um dogma. Não o é mais na sua essencia constitutiva do que extensão territorial; e o primeiro dever com a obrigação a mais urgente dos governos, qualquer que seja a sua origem, é caminhar com o espirito de seu tempo e convencer-se de bem que o assentimento das populações é hoje, senão a origem, ao menos o unico pensamento solido da auctoridade soberana.

Eis ali, sr. Marquez, a exposição succinta, mas que contudo julgo completa das ideias que o imperador julga dever manifestar para o arranjo da questão romana. São essas ideias que tereis a desenvolver ao cardeal Antonelli e a levar ao conhecimento do Santo Padre logo que se vos offerecer occasião. Os passos que derdes, a fim de corresponderdes aos sentimentos de benevolencia que animam S. M., não terão naturalmente nada de comminatorio.

Tereis todavia a deixar presentir, se vos opporem tão categoricamente como no passado a theoria da immobildade, que o governo do imperador não pôde com ella confirmar a sua conducta, e que, se elle adquirisse desgraçadamente a certeza que os seus esforços para decidir o Santo Padre a aceitar uma transacção, se tinham tornado d'aqui em diante inuteis, ser-lhe-ia preciso, protegendo tanto quanto possível os interesses que até aqui tem coberto com a sua sollicitude, procurar sahir de uma situação que, prolongando-se além de certo prazo, falsearia a sua politica e não serviria senão a lançar os espiritos em maior desordem.

Estaes auctorizado a lêr este despacho ao cardeal Antonelli.

Recebei, etc.

THOUVENEL.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Paiva 29 de setembro de 1862.

Continuo a supplicar-lhe, que advogue a causa destes infelizes povos de Paiva, que ha longo tempo gemem, sem que haja quem se condõa

da sua triste sorte, mettido entre as mãos de seus verdugos, que sem piedade os tornam mais escravos que os polacos.

Na minha ultima lhe enderecei um facto de summa transcendencia, mas torna-se necessario que lhe dê conhecimento d'outro, que com aquelle tem intimas relações, e poder se tirar uma illação do estado em que se acha o concelho de Paiva, e o cuidado que merece ás superiores auctoridades judiciais, e administrativas.

A camara municipal de Paiva arrematou no anno findo as posturas municipaes por seis mil e tantos réis! e nellas se inclui a de doze cabeças de passaros, por cada fogo, ou vinte réis por cada uma cabeça, e pagas nos mezes de maio, e junho de cada um anno, epocha da maior fadiga que tem o lavrador; os arrematantes d'essas contribuições, que são um Manuel Gougalves, cunhado do então vice-presidente da camara, arrematantes que ainda continuam a ser no presente anno, trataram no referido anno findo de obrigar os povos pelo mez de maio a pagar jessa contribuição a diuheiro, muito antes de acabar o prazo, e só neste ramo receberam, ou antes estorquiram ao povo para mais de duzentos mil réis; o povo que deposita confiança em um individuo, que tendo aqui sido escrivão, mas que foi transferido para Almeida, e que reside aqui, dirige-se a elle para este representar a tal respeito; o homem socoço o povo, dirige-se ao sr. presidente da camara, pede em nome do povo, no dia 23 de maio, providencias contra tantas violencias; e quere saber o resultado? — O sr. administrador foi comer e beber com os arrematantes para uma loja do mestre ferrador; o sr. presidente censura a representacão; e o representante, que se achava no commercio de João José da Cunha, manso e pacifico, lendo as tenções do tribunal da relação, dadas em uns artigos de falsidade, arguidos em um inventario que processou o escrivão Camello, e que se julgaram provados, é atacado de improviso pelos arrematantes, que tentam assassinar-o; intervieram o negociante e varias pessoas que puderam evitar o premeditado assassinato, mas os criminosos protestaram leval-o a effeito com melhor ensejo; este facto assim publico, que encheu de indignação tanta gente sensata, e praticado á vista e face de todas as auctoridades, deu em resultado, que nem se investigou, nem conheceu delles; o sr. administrador continuou a suciar, e patuscar com os criminosos, e estes a ameaçar o pobre homem!

O aggreddido representa ao exm.º sr. governador civil, este manda investigar pelo sr. administrador do concelho d'Arouca, que bem infôr, mado da existencia do facto, informou, como costuma, a verdade ao seu superior, e qual foi o resultado? Ficar impune o sr. administrador pondo investigar e remetter ao juizo o resultado, os aggressores continuaram a comer e a beber com o sr. administrador, e a gozarem das suas boas graças, e a melhor confiança, e se alguém lhe fallava neste facto respondia «se esse maroto ainda está vivo, a mim n'ó deve, mas brevemente lhe largo as rédeas, e então verão o que vale!!»

Se aqui não ha conivencia entre o sr. administrador e os criminosos, e uma perfeita parcialidade do exm.º sr. governador civil, então não posso atinar, para que servem tantas auctoridades, que nem protegem a segurança individual. Moralizem.

Tem decorrido de-de então até agora 4 mezes, sem que tenha havido uma só providencia; e só o sr. administrador continua a perseguir o queixoso; o juiz ordinario e seu filho, da mesma fôrma; s. ex.ª apezar das representações do queixoso, fica silencioso, e a não serem as cautelas d'este, e o apoio dos amigos teria sido victima, mas se este estado de cousas continuar, não tardará que o seja.

Os crimes succedem-se uns aos outros, os criminosos campeam ativos ao lado do sr. administrador, dos seus, e do sr. juiz; este condjuva-os a todo o trance, ambos indicam a victima; e brevemente lhe communicarei outros factos que com este tem relação, e mostrarei o estado da administração e justiça, embora o sr. administrador se jacte de que tem junto a s. ex.ª um alto protector, e o sr. juiz, que tanto o sr. procurador regio, como o exm.º presidente da relação, são visitas de seu sogro, e então que nada temem; e sou com verdadeira estima

De v. etc.

Minotti.

Sr. redactor.

Rogo a v. o especial obsequio d'imprimir no seu interessante jornal a integra desta carta.

Dr. Raymundo Venancio Rodrigues.

Illm.º sr.

Tendo a auctoridade superior deste districto consentido, ou ordenado, a publicação de um relatório, que versa sobre as minhas duas gerencias municipaes, confeccionado pelo amanuense do governo civil, Ignacio Raymundo Alves Sobral; e constando-me que fôra profisamente distribuido pelas redacções dos jornaes, pelos tribunales do paiz e pelos reverendos parochos, aquelle improbo trabalho, só com o fim de antecipar juizos, e alimentar suspeitas propaladas pelos meus detractores, rogo a v. se digne suspender a apreciação dos factos, que se acham naquelle documento absolutamente adulterados, em quanto eu não responder pela imprensa com o folheto que ando elaborando, e que brevemente será publicado.

De v. etc.

Attento venerador e criado,

Coimbra 1 d'outubro de 1862.

Dr. Raymundo Venancio Rodrigues.

Podem-nos a publicação da correspondência seguinte, que foi dirigida á redacção do *Campêo das Províncias*.

«Alguns 13 de setembro de 1862. — Sr. redactor. — Pedem-se publicidade ás perguntas seguintes, em razão de asserções injustas, contidas na carta do Braçal, inserta no n.º 1063 do seu jornal de 6 do corrente com relação á importancia e inferioridade de estabelecimentos minerios.

- 1.ª Qual das minas deste districto produz maior quantidade de mineral?
- 2.ª Qual tem maior profundidade?
- 3.ª Qual tem pago mais direitos ao governo?
- 4.ª Qual tem maior numero de gente empregada?
- 5.ª Qual tem maior capital empregado em machinismo?
- 6.ª Finalmente qual tem hoje maior desenvolvimento, não obstante a lavra da mina do Braçal datar de ha vinte e tantos annos, e a do Palhal mal chegar a 8?

Julgo conscienciosamente não haver quem possa dar uma resposta cabal, para que se tire a devida importancia e superioridade á do Palhal, que excede todas as do reino.

De v. s.ª etc.

EXTERIOR

Dos jornaes recebidos hontem extraimos o seguinte:

Roma 25.—Esta manhã, n'um consistorio publico deu o Papa o chapéu de cardeal a Monsenhor Billiet, arcebispo de Chambéry.

S. S. preconizou depois, em consistorio secreto, sete bispos. O santo padre não pronunciou nenhuma allocução.

Turin 25.—Hoje, ás 2 horas teve lugar a assignatura solemne do casamento da princeza Pia com o rei de Portugal. Em seguida houve grande jantar na côrte.

Chegou M. Nigra, e espera-se amanhã a princeza Mathilde.

O sr. Castro apresentou as cartas que o acreditam na qualidade de ministro plenipotenciario de Portugal junto ao rei de Italia.

Dizem os jornaes que o principe Napoleão teve hoje uma longa conferencia com o presidente do conselho, e que recebeu outros membros do gabinete.

Chegarão a Turin muitas auctoridades e um grande numero de deputados de cidades e provincias para apresentarem presentes de nupcias á princeza Pia.

Londres 26.—O «Morning Star» diz que o reconhecimento dos direitos das municipalidades nos Estados da Igreja não faria senão cair a barreira que existe entre a Italia e a Santa Sé. Essas municipalidades logo que estivessem livres votariam por Victor Manoel.

O «Times» e o «Morning Post» ainda guardam o silencio acerca dos documentos publicados pelo «Moniteur».

Idem.—O dr. Partridge deixou a Spezia.

Fecharam-se as subscrições da commissão garibaldina.

Pariz 27.—A «Patrie» desta tarde diz que a rainha d'Inglaterra abdicará depois do matrimonio do principe de Galles.

A «Presse» diz que Dobaldo quer negociar com os francezes, mas que Soarez insiste em fazer resistencia.

Nova-York 13.—Os jornaes de hontem publicam noticias de Veracruz do 1.º de setembro confirmando a ruptura de Juarez com Dobaldo. Este deu a sua demissão e foi substituido por Juan de la Fuente. As cidades de S. Blas e Mazanilla pronunciaram-se pela intervenção. Os ministros estrangeiros no Mexico protestaram contra as brochuras injurias que se espalharam.

Idem 16.—Os confederados occupam Hagerstown no Mariland e entraram na Pensylvania. A sua guarda avançada chegou a Freen-Castle.

Corre o boato de que se deu uma batalha entre Sharpsburg e Middleburg, na visinhança do Potomac. Os federaes continuam cercados em Harper's Ferry. Cre-se que serão obrigados a render-se.

Tambem occupam Leesburgo e marcham sobre Lexington, no Kentucki.

Idem 13.—A agitação é muito grande na Pensylvania. O governador chamou 50 mil homens ás armas para repellar a invasão. Pediu pelo telegrapho ao «maire» de Philadelphia que lhe enviasse logo em auxilio 20 mil homens.

Os confederados procedem a recrutamentos no Maryland. Uma proclamação do general Lee diz que os confederados vieram como libertadores, e que o paiz decidirá livremente dos seus destinos futuros.

O general Mac-Clellan chegou a Damascus. Parece imminente uma batalha perto de Cincinnati.

O conselho municipal da Philadelphia votou 500:000 dollars para a defeza da cidade e do Estado.

Começou a conscrição no Connecticut. Houve desordens.

O «York Times» e o «Herald» crêem que o fim dos confederados não é assegurar a sua independencia; mas derribar a administração Lincoln e apoderar-se do poder supremo.

O «Times» acusa o governo de fraqueza e de incapacidade.

Idem 17.—Mac-Clellan alcançou em Har-

gerstown uma victoria sobre os confederados que passaram o Potomac em completa derrota.

Athenas 23.—Encerraram-se as camaras. Na amnistia dada aos comprometidos na insurreição de Nauplia são comprehendidos João Lubrakaki e Nicolau Barbarigo.

Nova-York 15.—Jackson passou outra vez o Potomac em Williams-Port (Virginia).

Burnside e Mac-Clellan tinham avançado para Hagerstown para atacar os confederados.

O primeiro relatório official de Mac-Clellan é datado do quartel general federal acima de Middletown, no dia 14 á tarde.

Os generaes federaes Hooker e Reno, diz elle neste relatório, foram para as alturas do caminho de Hagerstown. Depois de um sangui-nolento combate, a columna de Franklin atacou a esquerda dos confederados. O resultado deste ataque ainda é desconhecido. Mas nós estamos de posse de todas as alturas e alcançamos uma victoria gloriosa. Reno foi morto.

Outro relatório de Mac-Clellan, datado, de 15, diz que Franklin obteve uma completa victoria e que fez um grande numero de prisioneiros. O inimigo retirou-se durante a noite. Os federaes proseguem na sua marcha triumphante. Hooker annuncia que o inimigo, cheio de um terror panico, se dirige para o rio. Corre o boato de que foi ferido o general confederado Lee. Hooker fez 1:000 prisioneiros. Avalua-se a perda dos confederados em 15:000 homens. O exercito federal persegue vivamente o inimigo em derrota.

Vienna 27.—Sir Bulwer, embaixador inglez em Constantinopla, chegou esta manhã a Semlin dirigindo-se immediatamente para Belgrado.

Cartas de Roma da mesma data dizem que havia grande concentração de tropas italianas entre Rieti, Spoleto e Perugia. O general Montebello tinha desmentido a noticia da chegada de um novo regimento francez, pois era desnecessario actualmente qualquer reforço.

NOTICIARIO

Balanço do movimento da Caixa economica de Aveiro no mez de setembro de 1862.

ENTRADAS

Depositos recebidos	69\$750
Letras idem	1:767\$300
Juros idem	119\$580
Saldo do mez antecedente	4:309\$375
	6:266\$005

SALIDAS

Emprestimos	3:506\$640
Depositos restituídos	166\$250
Juros pagos	795
Saldo em caixa	2:592\$320
	6:266\$005

Valor dos depositos a cargo da caixa em 30 de setembro	18:594\$665
Idem em letras a vencer na mesma data	17:095\$990

Escritorio da caixa economica 2 de outubro de 1862.

A. PINHEIRO
Secretario.

Loteria.—A administração da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa vai fazer uma loteria por um novo systema, em que já ha tempo falou.

Haverá quatro series de bilhetes, sendo cada serie de cor diversa. Os premios recahirão em uma serie completa, de modo que quem jogar com quatro numeros, sendo cada um de serie diferente, pôde ter a certeza de obter premio.

O plano para essa loteria é o seguinte: Será o seu capital de 90:000\$000 réis formado de 10:000 bilhetes a 9\$000 réis cada um, havendo 2\$500 premios e 7:500 brancos.

Os premios serão:
1 de 25:000\$000—1 do 10:000\$000—2 de 1:000\$000—2 de 500\$000—4 de 300\$000—6 de 200\$000—40 de 100\$000—144 de 50\$000 e 2:300 de 12\$000 réis.

Os 10:000 bilhetes serão divididos em quatro series, a saber: a 1.ª a 2:500, impressa em côr vermelha—a 2.ª de n.ºs 2:501 a 5:000 em côr verde; a 3.ª de n.ºs 5:001 a 7:500 em côr azul; e a 4.ª de n.ºs 7:501 a 10:000 em côr amarella. Os premios acima indicados recahirão em uma das referidas series.

A venda terá lugar em Lisboa no dia 7 do corrente mez e a extracção no dia 28, ás 9 horas da manhã, depois de praticadas em acto publico as seguintes formalidades:

Na sala da extracção e em logar bem patente estarão 4 esferas representando as cores em que forem impressos os bilhetes, as quaes serão lançadas dentro de uma roda especial, que logo se fará girar, e da qual em seguida se extrahirá uma esfera, que pela cor designará a serie, na qual recahirá o sortido dos premios.

Em acto successivo se procederá ao ingresso das pequenas esferas nas rodas: na dos numeros entrarão as correspondentes á serie premiada: na dos premios, todas as esferas que os designam.

Em seguida proceder-se-há á extracção, sendo os premios minimos indicados com a letra M— nas esferas que houverem de os represen-

tar, a fim de poder servir a mesma collecção em todas as loterias.

Finda a extracção se procederá tambem em acto publico á conferencia dos numeros extrahidos, e dos respectivos premios.

Jubilacção.—Por decreto de 25 de setembro ultimo foi jubilado com o acrescimo da terça parte do seu ordenado, o professor da cadeira de oratoria, poetica e litteratura do lyceu nacional de Braga, Antonio Manuel Alvares.

Professores vitalicios d'instrucção publica.—Foi nomeado, por decreto de 23 de setembro p. p., professor da cadeira de ensino primario do Fundão, no districto de Castello Branco, Martinho da Silva Peleção.

Por decreto da mesma data, foi transferido para a cadeira da cidade de Setubal, freguezias da Annunciada e S. Julião, no districto de Lisboa, Emydio José de Vasconcellos, professor da cadeira de Santa Iria, da Azia, concelho de Villa Franca de Xira.

O real consorcio.—Os jornaes italianos recebidos hoje publicam acerca do real consorcio estas noticias:

«Hontem pela manhã, diz o «Corrier Mercantile», o syndico de Faenza apresentou, em nome da communa a S. A. R. a princeza Maria Pia uma pequena e magnifica meza de costura com incrustações de marfim. A princeza acolheu este brinde com as mais affaveis e lisongeiras expressões.

«abemos, diz tambem o mesmo jornal, que o ministro da fazenda teve a feliz idéa de mandar enchar os 500\$000 francos do dote da princeza em peças de vinte francos com a effigie do rei de Italia e com a data de 1862. Este dinheiro, guardado em um elegante cofre, será entregue ao enviado de Portugal.»

O programma dos festejos do real consorcio em Turin publicado pela «Opinione» é este:

Terça-feira 23 de setembro — Jantar na côrte.

Quarta-feira 24 — Idem.

Quinta-feira 25 — Idem a ratificação do contrato nupcial ás duas horas.

Sexta-feira 26 — Concerto ás oito horas e meia da noite.

Sabado 27 — Celebração do matrimonio ás onze horas da manhã, jantar ás cinco da tarde, e serenata dada pelo municipio ás oito.

Domingo 28 — Missa cantada de côrte na cathedral ás onze horas, e partida para Genova. Segunda-feira 29 — Sahida de Genova.

A «Perseveranza», jornal de Milão, diz: «Noticiamos com prazer que entre os brindes offerecidos por varias cidades italianas a S. A. R. a princeza Maria Pia em consequencia do seu casamento, será apresentado pelos membros do conselho communal á augusta noiva o brinde, que a titulo de lembrança e como tributo de affecto e homenagem lhe offerece a cidade de Milão.

«Este brinde é um quadro do egregio artista Luiz Bisi que representa a nossa cathedral.

«Adorna o quadro uma elegante moldura, obra de Maccellini e decorada com os escudos das casas de Saboya, de Bragança, e da nossa cidade.»

A «Gazeta del Popolo» escreve o seguinte: «A corporação dos operarios de Turin manifestou ao syndico o seu vivo desejo de fazer chegar ás mãos de S. A. R. a princeza Maria Pia uma mensagem de congratulação.

O syndico transmittiu este voto á condessa Villamarina, governante da princeza, para alcançá-lo de S. A. R. a necessaria annuencia.

A princeza respondeu com expressões benevolas que concederia uma audiencia especial aos bravos operarios; e portanto hoje mesmo hão de ter a honra e a satisfação de apresentarem, por meio d'uma deputação acompanhada pelo syndico, a sua mensagem a S. A., que a receberá ao meio-dia e depois de se verificar a audiencia já concedida á municipalidade.

A «Italia», jornal de Turin, diz:

«O conselho municipal de Napoles, em sessão de 17, sob proposta do cavalheiro José Filio-li, votou unanimemente a seguinte deliberação:

«O conselho, querendo dar uma demonstração de affecto e dedicacção á dynastia real de Saboya, por occasião do consorcio de Sua Alteza Real a Princeza Maria Pia com Sua Magestade El-Rei de Portugal;

«Convencida de que a augusta princeza apreciará antes os sentimentos que inspiram o conselho, do que a importancia do brinde;

«Resolve:

«Uma commissão, composta dos srs. conselheiros Filio-li, e Belletti e Pandola, comprará ou encomendará uma joia, ou outro qualquer objecto proveniente de fabrica napolitana, o qual será enviado pelo syndico a Sua Alteza Real a Princeza D. Maria Pia em nome da cidade de Napoles.

«O conselho vota para esta despeza a somma de 20:000 francos (3:600\$000 réis), que será previamente levantada e lançada no orçamento no capitulo das despezas extraordinarias do exercicio do corrente anno.»

Lê-se no mesmo jornal de 20:

«Terminada a cerimonia, S. M. a Rainha de Portugal receberá o corpo diplomatico.

«Na noite do mesmo dia depois de um grande jantar, haverá illuminações geraes e serenata.

«No dia seguinte, domingo 28, a Rainha de Portugal, acompanhada do principe Humberto, seu irmão, que deve seguir-a até Lisbon, partirá para Genova. Descançando no palacio real S. M.

receberá ali as auctoridades e irá á noite ao theatro Carlo Felice, aonde haverá representacção de gala.

«De todas as partes já se dirigem a Turin, para assistirem á celebração do casamento, distintos personagens portuguezes.

«Este manhã, o sr. visconde de Paiva, ministro de Portugal em Paris, chegou a Turin e hospedou-se no hotel da Grã Bretenha. Diversas outras notabilidades politicas são esperadas, e dos Banhos de Aix e de Chambéry, segundo nossas correspondencias, chegarão outras pessoas, logo que o dia do consorcio fôr definitivamente fixado e conhecido.»

Concursos ecclesiasticos por provas publicas.—Lê-se no «Diario»: Não tendo havido concorrentes no concurso documental que foi aberto para provimento da igreja parochial de S. Vicente do Pigeiro, no concelho e arcebispado de Evora, e que findou em 25 do corrente mez: manda S. M. El Rei que, nos termos do artigo 16.º do decreto de 2 de janeiro proximo passado, se abra concurso, por provas publicas, perante o respectivo prelado diocesano, para provimento da sobredita igreja parochial.

Na mesma conformidade e data se mandou abrir concurso, por provas publicas, para as seguintes igrejas:

Diocese de Leiria

Freixiandas (Nossa Senhora da Purificacção), concelho de Villa Nova de Ourém.

Diocese de Portalegre

Areias (Santo Antonio), concelho de Marvão.

Chancellaria (Santo Estevão), concelho de Alter do Chão.

Diocese de Coimbra

Ciôga do Campo (S. João Baptista), concelho de Coimbra.

Passos (Santo Estevão), concelho d'Alvaia-zere.

Diocese de Vizeu

Cezures (Nossa Senhora da Graça), concelho de Penalva do Castello.

Ranhados (Nossa Senhora da Ouvida), concelho de Vizeu.

Diocese de Beja

Atabueira (S. Marcos), concelho de Castro Verde.

S. Domingos, concelho de S. Thiago de Caem.

Selmes (Santa Catharina), concelho da Vidigueira.

Sobral da Adiga (S. Pedro), concelho de Moura.

Patriarchado

A dos Francos (S. Lourenço), concelho da Lourinhã.

Abregada (Nossa Senhora da Graça), concelho de Alenquer.

Azinhaga (Nossa Senhora da Conceição), concelho de Santarem.

Benedicta (Nossa Senhora da Encarnação), concelho de Alcobaca.

Carnota (Sant'Anna), concelho d'Alenquer.

Freiria (S. Lucas), concelho de Torres Vedras.

Gaffete (S. João Baptista), concelho do Crato.

Pedrogão Pequeno (S. João Baptista), concelho da Certã.

Grande desastre.—Em uma correspondencia dirigida de Ponte de Lima em 27 de setembro ultimo ao «Vianense» relata-se o seguinte acontecimento, verdadeiramente lamentavel:

«Pela meia noite do dia 20 do corrente, indo o reverendo paroco encomendado da freguezia de Moreira do Lima, na comarca de Ponte de Lima, admini-trar o Sagrado Viatico e Extrema-Unção a uma sua freguezia, mulher de Custodio Antonio Gonçalves, do lugar das Lages, depois de lhe ter administrado o primeiro e feitas as devidas preparações para receber o segundo, instantemente desabou a sala em que se achava a enferma com 30 pessoas, que, envolvidas com toda a sua mobilia, foram precipitadas na loja do gado de uma altura consideravel! Dentro da mesma loja achiavam-se uns bois, que, felizmente, não se moveram, por ficarem a um lado, a coberto de algumas madeiras. Não ficou disponivel uma só pessoa; todas ficaram debaixo do peso das madeiras e grossa mobilia que a sala continha — ás escuras —, porque todas as luzes se apagaram, soltando gritos de horror, sem que ninguém pudesse allivial-os. Passado algum tempo acudiu uma mulher visinha, e foi então que a porta da loja se abriu, para todos serem livres das ruínas, não havendo, felizmente, a lamentar graves desgraças, além de muitos ferimentos e contusões, o que só se deve á alta Providencia. A enferma ainda pôde escapar com vida, sendo conduzida a uma outra sala.

O muito benemerito reverendo encomendado João Baptista da Guerra Machado, sempre sollicito pela salvacção das suas ovelhas, ainda que maltractado — por isso que havia ficado debaixo de umas caixas e madeiras —, não deixou de continuar fervorosamente na administração da Extrema Unção, com a pequena parte que pôde colher da sagrada ambula, fazendo em fórma as devidas exhortações, e consolando n'aquella horrivel catastrophe a todas as pessoas, que ainda hoje se sentem aterradas. A enferma, supposto a sua molestia não parecesse de gravidade, deu a alma ao Creador poucos momentos depois, o que sem duvida foi devido ao grande abalo e terror.»

Creação de cadeiras.—Por decreto de 23 de setembro foram creadas as seguintes

cadeiras de ensino primario para os dois sexos:

Pampilhosa, concelho de Mealhada, districto de Aveiro, para o sexo masculino, casa e mobilia pela junta de parochia.

Assureira, concelho de Moncorvo, districto de Bragança, para o sexo masculino, idem.

S. Vicente da Beira, concelho de S. Vicente da Beira, districto de Castello Branco, para o sexo feminino, casa pela camara e mobilia pela junta de parochia da Matriz.

Freguezia de Ponta Delgada, concelho de Santa Cruz (ilha das Flores), districto da Horta, para o sexo masculino, casa e mobilia por alguns proprietarios da freguezia.

Aulas.—Teve lugar no dia 1.º do corrente a abertura do lyceu nacional d'esta cidade.

Este estabelecimento é frequentado neste anno por 157 alumnos, distribuidos, segundo as matriculas pelas diferentes disciplinas, do modo seguinte:

No primeiro anno do curso dos lyceus	2
Em latim	31
Em francez	45
Em inglez	9
Em desenho linear	6
Em geometria	18
Em logica	23
Em rhetorica	23

157

Concurso.—Acha-se a concurso por espaço de 60 dias, a contar de 3 do corrente, a cadeira d'instrução primaria do lugar da Villa e freguezia de Mansores, concelho de Aveiro deste districto.

Regosio publico.—A noticia da chegada de Sua Magestade a Rainha ás aguas do Tejo, chegou a esta cidade no domingo pelas 4 horas da tarde. Logo que se divulgou, houveram repiques de sinos, foguetes, e á noite illuminaram-se as repartições publicas.

Hontem a Camara Municipal, mandou pelo seu porteiro, pedir aos habitantes da cidade, que illuminassem as janellas das suas casas nestas 3 noites: effectivamente hontem depois de repiques de sinos e foguetes, illuminaram-se não só as repartições publicas, mas muitas casas particulares, e mais seriam se não estivesse grande numero de familias para o mar.

Todas as embarcações surtas na ria d'Aveiro se embandeiraram, e o mesmo aconteceu com o castello da barra, por ordem da respectiva autoridade.

Hoje e amanhã ainda continuarão os mesmos festejos.

Lamentamos muito sinceramente, que a Camara desta cidade não tivesse predisposto as coisas, de fórma que houvessem festejos condignos do objecto festejado e dos seus municepes; mas em contraposição a esta falta da Camara, o contentamento manifestado pelos habitantes d'Aveiro, foi geral e sincero.

Caminho de ferro subterraneo.—Lê-se em um dos jornaes de Londres o seguinte:

«Não era sem razão que se comparava o progresso do caminho subterraneo de Londres, ao trabalho de uma toupeira. Semelhante á lura de uma toupeira, o caminho é, em quasi toda a sua extensão, por baixo do solo, e o vagar da perfuração offerece analogia com a lentidão do trabalho da toupeira.

Porem, os persistentes esforços não foram baldados. Mediante o emprego de machinas de toda a especie, e com o estabelecimento de conductores d'agua de gaz, e a confecção do material necessario, o caminho va ser posto em plena exploração.

Os obstaculos que foi necessario vencer, as abobadas abatidas, que foi preciso reconstruir, e mil outras difficuldades exigiram trabalhos supplementares que retardaram algumas semanas a abertura do novo caminho.

Todos estes embaraços acabaram, e póde hoje dizer-se com toda a certeza, que a via ferrea metropolitana transportará os viajantes no corrente mez de outubro.

A via já foi experimentada por um trem em que tomaram lugar os magistros municipaes, membros do parlamento, engenheiros e alguns curiosos, e o exito coroou esta especie de inauguração preliminar.

Remedio facilissimo.—Se a lepra achou na «hydrocotila asiatica» um especifico poderoso, o «vomito negro» terrivel flagello do Mexico, parece tambem ter achado o seu antidoto.

Uma mulher velha de Caracas (Venezuela) chamada Mariquita Orfila, descobriu um remedio efficaz contra o vomito negro. Este remedio consiste no succo extrahido das folhas das verbenas, pizadas e esmagadas.

Administra-se em pequenas quantidades tres vezes por dia, e de duas em duas horas um banho interno até que os intestinos estejam perfectamente desembaraçados.

O dr. Goovin, de Caracas, escreve ás autoridades medicas da India Occidental, onde o flagello faz devastações que, graças a este tratamento, são muito raros os casos de morte que tem a deplorar.

A «verbena» é um arbusto silvestre muito commum nas Indias Occidentaes, e que particularmente se dá nas terras fundas e humidas.

É uma variedade da familia das «stachytarpheta jamaicensis».

É para desejar que a sciencia europeia confirme a virtude curativa desta planta.

Fanatismo politico.—O sr. Carlos Maria da Silva remetteu-nos a seguinte carta, e o documento que igualmente publicamos:

Sr. redactor.—O abaixo assignado, um dos signatarios que promoveu publicamente a caridade, por entre outros meios, o da circular que envia, maravilhado com a sublime, edificante, muito temente a Deus, e elevadamente politica resposta a elle dada, pelo exm.º Antonio de Carvalho e Daun na mesma circular, compenetrado da luminosa idéa de que um tão santo varão não deve viver na obscuridade, sem o conhecimento dos fiéis, roga a v. o distincto favor da inserção no seu jornal, não só d'esta carta, mas tambem da circular, bem como que faça, se assim o entender, os commentarios que a resposta merece, e exhorte, como sabe, a toda a nação, que na sua grande maioria cahiu no erro de offender a clemencia divina, regosijando-se com o popular casamento de Sua Magestade.

Ficando por isto summamente agradecido, me confesso igualmente.

De v. etc.

Carlos Maria da Silva.

S/C, 1 de setembro de 1862.

Illm.º e exm.º sr.

Tendo nascido a lembrança de festejar no bairro de Alfama o auspicioso enlace de Sua Magestade El-Rei com a futura Rainha D. Maria Pia de Saboya, dando-se esmolas ás pessoas pobres do mesmo bairro, houve no domingo, 7 do corrente, reunião de uma numerosa assembléa de cidadãos de todas as freguezias, na qual, depois de se approvar o pensamento, se deliberou que trez de cada uma d'ellas, e todos reunidos, constituídos em commissão, promovessem como possessem a subscrição precisa, e a distribuíssem depois como melhor entendessem.

Em vista pois do exposto, e attendendo ao virtuoso da lembrança, toda caridade, e ao incentivo que a demoveu, tudo nobre e elevado, qual o regosio de todos os bons portuguezes pela acertada escolha de Sua Magestade, roga-se a v. ex.ª a sua valiosa coadjuvação para a grande festa da humanidade menos favorecida.

Deus guarde a v. ex.ª — Lisboa, 14 de setembro de 1862.

Illm.º e exm.º sr. Antonio de Carvalho e Daun.

Matheus dos Santos e Oliveira

Carlos Esteves de Carvalho.

Carlos Maria da Silva.

«Concorreria de bom grado para um bodo aos pobres que tivesse por fim com essa obra de caridade implorar a clemencia divina para QUE PERDOASSE A QUELLES QUE, CEGOS PELA POLITICA, ACONSELHARAM OU SE REGOSIJAM COM UM TAL CASAMENTO.»

Não carece de commentarios a resposta do sr. Daun. Compreende-se que negasse a esmola pedida, mas não se comprehende como, apparentando-se bom catholico, ousa negal a pelo motivo que allega. Desse-a com a intenção, que diz, de implorar a clemencia divina a favor dos que aconselharam e se regosijam com o consorcio de El-Rei com a augusta filha de El-Rei de Italia, mas não ostentasse tanto fanatismo politico. E note o sr. Daun que tambem precisa implorar a clemencia divina a favor do santo padre, que parece regosijar-se com o casamento da sua afilhada, a esposa de El-Rei o senhor D. Luiz I, enviando-lhe um precioso brinde nupcial.

Se o verdadeiro catholicismo é como o do sr. Daun, então reforme-se o Evangelho, que manda dar aos pobres, sem indagar se os elles são pobres, sem outra intenção senão a de lhes matar a fome.

Cego pela politica, está o sr. Daun, cujo fanatismo lhe afoga os instinctos caridosos, subordinando-os ás suas crenças dynasticas e politicas.

Bem hajam os que valem aos pobres, movidos pela caridade, que se reveste de muitas fórmas, para acudir aos infelizes, sendo sempre sua intenção fazer o bem. Mal hajam os que regulam a sua caridade pela sua politica. É o extremo do delirio e da paixão, é a negação do Evangelho.

É neste caso está o sr. Daun, e todos os que como elle pensam e obram.

(Do Jornal do Commercio.)

CORREIO

LISBOA 5 DE OUTUBRO

(Do nosso correspondente.)

Está a chegar ao Tejo a nossa joven Rainha, aquelle anjo de paz que não quiz deixar o seu paiz sem pedir a seu augusto paé o perdão para Garibaldi e seus cumplices. Ella fará tambem com que aqui sejam amnistiados os revoltosos de Braga. Que abençoadas nupcias estas!

Como é linda a coroa nupcial, orvalhada pelas lagrimas de gratidão de centenas de infelizes a quem uma estrella funesta fez desvairar n'um momento.

A sahida dos soldados de caçadores n.º 3 para Angola foi um acto injusto e tyrannico, que desgosto-se toda a gente. Eu que sempre reconheci a conveniencia de se punirem com severidade os crimes de Braga, não posso deixar de censurar o procedimento despotico do governo com respeito áquelles pobres soldados. Sobre os seus crimes ainda os tribunaes não haviam pronunciado a derradeira palavra, e a partida dos soldados importa uma pena de degredo. Não se diga que precisamos de força armada em Angola, e que a sahida daquella tropa serve de lição, e va satisfazer a uma necessidade publica.

Temos certamente amnistia para os revoltosos de Braga, e parece que o governo arrependido daquelle acto despotico, ordenará que os soldados de caçadores n.º 3 regressem á patria immediatamente.

Tem-se dito ultimamente que a opposição

aproveitaria a occasião do regio consorcio para soltar o grito revolucionario em Lisboa. O boato parece-me destituido de fundamento, porque apesar da muita ambição, e soffreguidão de poder que desraia os que guerreiam acceitosamente o actual gabinete, elles não se queriam perder de todo com factos tão grosseiros e miseravel. E certo porém que os descontentes continuam a trabalhar para fazere nova revolta, que um ajudante de um general foi mandado recolher ao seu corpo dentro de vinte e quatro horas, por haver suspeitas de andar conspirando em conferencias repetidas com alguns personagens altamente suspeitos; e que um cavalleiro de muita influencia na opposição, um conde, vaé todos os dias á torre de S. Julião para se interter em intimas conversações com os officiaes implicados nos successos de Braga.

Tambem sei que o sr. duque de Saldanha tem pedido a todas as pessoas influentes da opposição que o não comprometam nos dias dos festejos, abusando do seu nome para alguma tentativa revolucionaria.

—A questão do sr. conselheiro Antonio Rodrigues Sampayo com o «Portuguez» por causa das calumnias do roubo dos recibos, forjadas por este jornal, prosegue. O advogado do sr. Sampayo requereu que o jornal accusado fosse julgado em policia correccional por ter commettido offensa pessoal. O juiz deferiu, e deste despacho recorreu o sr. Holtzman, advogado do «Portuguez».

Contra este jornal já ha uma nova querella do sr. Sampayo, por elle não ter publicado no prazo de trez dias a carta em que aquelle cavalleiro se defende das calumnias. O «Portuguez» tem andado muito mal em todo este negocio, e não pode deixar de soffrer duas condemnações.

—Tinha-se dito que o sr. Moraes de Carvalho, ex-ministro da justiça fóra com grave offensa da lei, nomeado auditor do supremo conselho de justiça militar, logar vago pelo fallecimento do sr. barão d'Aguiar. A «Revolução de Setembro» diz no seu numero de hontem, que o sr. Moraes de Carvalho tinha ido agradecer a El-Rei o seu rendoso despacho, e que o governo conhecendo a illegalidade da nomeação fizera a annullação desta, que foi aceite por S. M. Não é verdadeira esta historia. O sr. Moraes de Carvalho não chegou a ser nomeado.

—El-Rei nomeou hontem as damas de honra da joven Rainha. São oito, porem apenas me lembro de cinco: — Condessa de Rio-Maior, esposa do sr. Conde de Rio-Maior, D. Antonio; Condessa de Ficalho, filha da sr.ª D. Maria Kruz; Condessa da Ribeira; Marqueza do Fayal, e D. Maria Amelia Mendonça, filha do sr. Marquez de Loulé.

—El-Rei passou hontem revista a toda a força militar que se acha em Lisboa; foi uma vistosa parada no Alto d'Ajuda, á qual assistiu muita gente.

—Partiram esta manhã trez vapores da Companhia União Mercantil, completamente apinhados de gente, os quaes foram fóra da barra esperar a esquadilha portugueza. A esquadilha vem acompanhada de quatro fragatas inglezas coraçadas, e trez navios italianos.

Tambem partiram para irem esperar a divisão naval, os vapores de guerra portuguezes *Lynce* e *Argos*. No *Lynce* foi o sr. infante D. Augusto, dois officiaes mores da casa real, representando SS. MM. os srs. D. Luiz e D. Fernando, e o ministro da marinha. No outro vapor, foram os ministros, o almirante João da Costa Carvalho, e o novo almirante da India, marquez de Niza.

—Já sei de dois esplendidos banquetes que se vão dar. Um pelo sr. almirante Costa Carvalho na *Não Vasco da Gama*, e outro offerecido pelo ministro dos negocios estrangeiros ao corpo diplomatico no paço de Belem.

—O Terreiro do Paço está vistossissimo. De todas as sacadas desta magnifica praça, pendem colxas de varias cores, e sendo diversas pinturas, com grandes borlas doiradas. As armas das nossas principaes cidades e villas, intercaladas das armas portuguezas e italianas, e colocadas nos vãos das janellas, são de um effeito admiravel. O pavilhão real tem quarenta e quatro columnas, e os seus cortinados são de seda azul e branca. Sobre a grande cupula está a corôa real de metal doirado sobre a almofada de velludo vermelho. Esta praça é illuminada com cinco mil e trezentos lames. Pelas ruas da baixa ha pregadas em todas as paredes bandeiras portuguezas e italianas. Tudo é festa. Heide fazer uma descripção minuciosa de tudo isto que traz alvorçadas milhares de pessoas.

ANNUNCIOS

GUIA E MANUAL

DO

JARDINEIRO

OU

ARTE DE CULTIVAR OS JARDINS

COM UMA ESTAMPA EXPLICATIVA

SEGUIDO

DALINGUAGEM DAS FLORES, E EMBLEMA DAS CORES,

E UMA

PEQUENA GUIA DO ENXOFRADOR DAS VINHAS.

Acaba de publicar-se este interessante livro que se acha á venda na livraria de Jacintho A. Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134 Porto.

Para os srs. assignantes, é o mesmo preço porem com uma bonita encadernação será remittido ciudado e franco de porte a quem enviar em estampilhas ou sellos do correio a quantia de 360 réis, custo deste folheto.

ARCHIVO JURIDICO

Publicação regular da legislação de mais interesse, tanto antiga como moderna.

EDITOR—J. L. DE SOUSA

Publicou-se o n.º 13 da 2.ª serie que contém:

Alterações na formação das matrizes—Instrucções do processo das cauções—Ordem aos escriptores de fazenda para deixarem de receber 50 réis (a titulo de emolumentos) de cada documento que sellarem—Lei dos uggravos.

Vende-se e assigna-se no Porto na rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta, aonde se encontram colleções completas da 1.ª e 2.ª series do ARCHIVO JURIDICO, comprehendendo a 2.ª serie a seguinte legislação especial —Lei da Desamortisação; —Lei do Sello; —Lei de Transmissão; —Lei do Registo; —Lei da Contribuição Pessoal; —Lei da Contribuição Industrial; —Lei da Contribuição Predial; —Lei dos Jurados, processos aos escriptores; —Lei que altera a Reforma Judiciaria; —Lei que concede serventurarios aos escriptores, tabellães e revedores; —Lei e regulamento do Registo parochial; —Regulamento dos Lyceus; —Exames de habilitações e —Instrucções para estes exames.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

Toda esta legislação é seguida dos respectivos regulamentos, e vende-se em brochuras separadas.

N. B. Cada n.º do ARCHIVO JURIDICO custa a modica quantia de 120 réis, sendo enviado franco de porte para as provincias.

O JUDEU ERRANTE

E

OS MYSTERIOS DE PARIZ

(EDIÇÃO PORTUENSE)

Tendo-se esgotado a 1.ª edição destes dois popularissimos e interessantes romances, que por si só bastaram para exaltar a reputação de EUGENIO SUE, um dos vultos mais salientes na litteratura franceza; e havendo nós obtido autorisação de seus illustres traductores e publicadores para os reimprimir em 2.ª edição, — vamos tentar esta empreza — esperando encontrar no favor publico o valioso auxilio e protecção que ella carece para a sua realisação.

O formato será identico ao da BIBLIOTHECA DAS DAMAS, e cada volume não conterá menos de seis folhas d'impressão, ou 96 paginas.

A traducção é esmerada, circumstancia valiosa, e pouco vulgar em publicações d'esta ordem.

A publicação principiará pelo JUDEU ERRANTE, a qual encetaremos logo que haja numero sufficiente d'assignaturas que cubra a despesa da impressão.

Preço de cada volume 120 réis, pagos no acto da entrega.

Assigna-se no Porto, no escriptorio do «Archivo Juridico» e «Bibliotheca», rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta.

QUADROS D'ALMA

OU

A MULHER ATRAVEZ DOS SEculos

POR

Porphyrio José Pereira

Um volume em 8.º grande, br. com o retrato do auctor. — Acha-se á venda em Lisboa, na typographia Universal, rua dos Calafates n.º 110, e nas lojas do costume. — Preço 800 rs.

João Antonio de Sousa, tendo sido nomeado presidente do conselho d'administração de marinha no Arsenal do Exercito, e deixando inexperadamente o seu logar de capitão do porto d'Aveiro, despede-se por este meio de todas as pessoas d'esta cidade de quem recebeu os favores da sua amizade, e a todos offerece os seus limitados serviços na capital, esperando ser desculpado visto que não contando demorar-se em Lisboa senão poucos dias, de ninguém se despediu pessoalmente.

Igualmente pede por este annuncio áquelles individuos a quem por inadvertencia ficasse devendo alguma quantia, se sirvam dirigir ao seu amigo o illm.º sr. Agostinho Pinheiro, que se acha auctorizado para os solver sendo os creditos devidamente legalizados.

Lisboa 30 de setembro de 1862.

João Antonio de Sousa.

RESPONSÁVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.